

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

114

INSCRIÇÕES 489 - 491



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

2014

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



INSCRIÇÃO VOTIVA DE LONGROIVA
(*Conventus Scallabitanus*)

Encontra-se embutida na parede lateral direita de quem entra pela porta principal da igreja matriz de Longroiva (concelho de Meda), com o letreiro na horizontal, uma epígrafe romana de granito rosado da região.¹

Desconhecem-se as circunstâncias em que ali terá sido colocada nem o local donde proveio, ainda que — como se sabe — vestígios romanos sejam abundantes derredor. O epíteto *Longobricus* da divindade indígena *Banda* patente numa ara encontrada no interior da capela do Torrão,² em 1977, cujo dedicante, *Q. Iulius Montanus*, se declara *eques legionis VII Geminae Felicis*, tem levado a pensar — não sem razão — que o topónimo Longroiva tenha derivado precisamente do topónimo de que tal epíteto se formou: *Longobriga*. A possibilidade de ter sido essa a identificação de um *vicus* ou *castellum* detém, pois, toda a verosimilhança, inclusive se tivermos em conta a abundância de achados arqueológicos — «colunas, cerâmica de construção, pesos de tear, mós, moedas (incluindo denários republicanos)» — assim como «parece haver também uma

¹ Agradecemos ao Senhor Abade, Pe. Jorge Manuel dos Santos Dias, a gentileza de nos haver autorizado este estudo e ao arquitecto Paulo Simão, do Município de Mêda, que nos acompanhou a 19-12-2013, todo o apoio que prontamente se disponibilizaram a dar-nos. O primeiro esboço que fizemos do letreiro data, porém, de 21-06-2011.

² Fica esta capela logo abaixo da igreja matriz.

calçada e uma ponte romana».³ É, consequentemente, possível que a epígrafe tenha sido reaproveitada logo na construção primitiva da igreja românica.

Dimensões: 60 x 30.⁴

POTITVS / REBVRRI / F(*ilius*) · LVMBIS / VOTVM /⁵
SOLVIT

Potito, filho de Reburro, cumpriu o voto aos Lumbos.

Altura das letras: l. 1: 6 (O=3); l. 2: 5,5; l. 3: 5,5 (=4,5); l. 4: 5,5 (O=3,5); l. 5: 5,5 (O=3,5). Espaços: 1: 5; 2: 3; 3 a 5: 1,5; 6: 17.

Afigura-se-nos que o letreiro poderá ter sido avivado, uma vez que estão bem vinculados os sulcos das letras. Em todo o caso, não parece ter havido qualquer deturpação do escrito original. Os caracteres são actuários e, ainda que, aparentemente, não gravados com o auxílio de regra, manifestam, na sua paginação, algum cuidado por parte do *ordinator*; que soube, inclusive, dar ao texto uma distribuição lógica (de acordo com o seu conteúdo). Assim, as duas primeiras linhas têm a identificação do dedicante (somente o F da filiação teve de saltar para a l. 3); na l. 3, vem a identificação do teónimo; e a fórmula final, por extenso, ocupa duas linhas.⁵ Há mesmo alinhamento à

³ ALARCÃO (Jorge de), *Roman Portugal*, Warminster, 1988, vol. II, fasc. 4, p. 55 (4/71), que cita nomeadamente a 1ª edição de RODRIGUES (Adriano Vasco), *Terras da Meda — Natureza, Cultura e Património*, Câmara Municipal da Meda, 2002. A dedicatória à divindade é referida nesta 2ª edição na p. 82, aludindo-se também aí (p. 83-84) à epígrafe de *Torquatus*, de que se desconhece se é votiva ou funerária, por ter fórmulas de um e de outro tipo. Ambas as epígrafes constam de <http://eda-bea.es/>, com os números de registo 18 511 e 25 934, respectivamente, onde se assinala mais bibliografia.

⁴ Não é possível medir a espessura.

⁵ Optou, decerto, por subentender inteligentemente a expressão L(*ibens*) A(*nimo*): pondo tudo em siglas, como é mais habitual, ainda se reduzia mais o espaço epigrafado; inserindo cada uma das palavras, por extenso, em cada uma das linhas, já ficava longo de mais; a utilização de tudo em siglas não estaria ainda nos hábitos do momento.

esquerda e rigorosa regularidade dos espaços interlineares. O facto de haver tão dilatado espaço após a última linha sugere que a pedra se destinava a ser lida a partir de um nível superior ao do normal nível do olhar humano.

Este último aspecto leva-nos, naturalmente, a pôr a questão: que tipo de monumento é? A impossibilidade de — por enquanto — se proceder à medição da espessura não permite conclusão peremptória; contudo, a pedra foi reutilizada na parede e, por isso, hemos de pensar que deve ter espessura considerável. A hipótese de estarmos perante a face dianteira de uma ara de que, para mais fácil adaptação à construção, se amputaram o capitel e a base afigura-se-nos assaz plausível. Por outro lado, a circunstância de o nome do dedicante vir a anteceder o da divindade fez-nos supor que, em meio de vários monumentos idênticos, a distinção se faria pelo dedicante — e, daí, o ser colocado à cabeça da epígrafe.

O P é esguio; o O mais pequeno, para ocupar menos espaço; T e L de barra breve; R de barra lançada; E esguio; B assimétrico. Note-se o M bem avantajado e de traçado levemente encurvado, como que resultante da justaposição de dois AA.

O S final da l. 1 quase desapareceu sob os estragos que a pedra sofreu, mas reconstitui-se sem dificuldades. No início da l. 3, o esborcinado tornou o F (eventualmente em cursivo e seguido de ponto) pouco perceptível. Nessa mesma linha, também a antepenúltima letra sofreu estragos, o que, de certo modo, até consideramos normal, porque a interpretamos como B, que certamente ofereceu desde logo dificuldades de gravação ao próprio lapicida, pela facilidade com que a superfície lascou.

O dedicante identifica-se à maneira indígena, de acordo com um hábito assaz documentado: o seu nome já é latino, enquanto o pai tem antropónimo considerado tipicamente lusitano.

Na verdade, *Potitus* é etimologicamente latino, usado aqui como nome único. Kajanto inclui-o entre os nomes de mui provável origem participial, advertindo, porém: «*Potitus*, quando usado nos primeiros tempos, dava ares de ser mais um antigo nome individual, [...] de etimologia obscura, do que um derivado participial».⁶ O

⁶ É, formalmente, participípio do verbo *potior*; e teria, consequentemente, o significado de «o que se apoderou de», o «senhor de». Cfr. KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 95.

mapa da sua distribuição na Península Ibérica foi apresentado por Salas Martín e Haba Quirós, a propósito do exemplo de Medellín.⁷ J. Corell estudou o caso de *L. Cornelius Potitus* e, por isso, na pág. 299 desse estudo, enumera também os *Potiti* identificados até então na Península Ibérica.⁸ Na Lusitânia, quatro testemunhos: um, o já referido cidadão romano inscrito na tribo *Sergia* (em Medellín); em dois casos, na posição de *cognomen* de indivíduos identificados com *tria nomina*, em Mérida e na região de Torres Vedras. A sua ocorrência em Arroyo de la Luz não é clara;⁹ no entanto, parece que teremos aí mais um testemunho do uso do antropónimo como nome único e em contexto indígena.¹⁰

Quanto a *Reburus*, são sobejamente conhecidos os estudos que lhe têm sido dedicados, desde o clássico de José Rubio Alija, de 1959,¹¹ a um dos mais recentes, de José María Vallejo,¹² que veio na sequência da elaboração do atlas onomástico da Lusitânia, cujos mapas 252 e 253 mostram que a distribuição dos achados ocorre precisamente nessa zona nordeste da província.¹³

⁷ SALAS MARTÍN (José) e HABA QUIRÓS (Salvadora), «Nuevas aportaciones a la epigrafía romana de Extremadura. 2. Inscripciones inéditas de la *colonia Metellinensis* (actual Medellín, Badajoz)», *Veleia* 4 1987 137.

⁸ CORELL I VICENT (Josep), «Inscripción referente a un primipilo muerto *in bello Maurico*. Un nuevo testimonio de las invasiones moras en la Bética en el siglo II?», *Archivo Español de Arqueología* 61 1988 298-304. Na recolha de Abascal, estão inventariados 14 testemunhos: ABASCAL PALÁZON (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Murcia, 1994, p. 464.

⁹ A termos em conta as duas versões apresentadas sob o n.º 49 (p. 64-65) de HURTADO DE SAN ANTONIO (Ricardo), *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Cáceres)*, Cáceres, 1977.

¹⁰ Ver <http://eda-bea.es/>, N.º de registo 24 482, que transcreve *Potitus Vegeti f(ilius)*.

¹¹ RUBIO ALIJA (José), «Españoles por los caminos del Imperio Romano. Estudios epigráfico-onomásticos en torno a *Reburus* y *Reburinus*», *Cuadernos de Historia de España* 2-30 1959 5-124.

¹² VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, *passim*.

¹³ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 279-280. Recorde-se, a propósito, a epígrafe rupestre do lugar da Telheira, em Numão, a vinte e poucos quilómetros de Longroiva, onde se assinala a existência do horto (*ortus*) *Reburri P(ublii) F(ili)* <http://eda-bea.es/> (N.º de registo 23 175).

Se, por conseguinte, a onomástica pouco traz de original, o interesse primordial da epígrafe centra-se na identificação da divindade venerada. Se a nossa leitura está correcta, teremos o dativo plural de *lumbus*, vocábulo que identifica a região lombar do corpo humano; aliás, a palavra ‘lombar’ deriva daí e ‘lumbago’ é a designação da dor forte e repentina aí localizada. Em sentido figurado, designa, todavia, a localização da excitação sexual, tal como pode ler-se em Juvenal (6, 314): «Cum tibia umbos incitat».¹⁴ Será nessa acepção que o teremos de considerar aqui.¹⁵

A pesquisa efectuada, que, naturalmente, não podemos classificar como exaustiva,¹⁶ aponta no sentido de não se haverem registado, até ao momento, outros testemunhos — epigráficos, ou não, entre os Romanos — de eventual culto às divindades Lumbos, supostamente consideradas propiciatórias do desejo sexual. Esse, o motivo também, plenamente compreensível, porque se tentaram alternativas. Assim, Juan Manuel Abascal sugeriu-nos a leitura *Lumiis*, que poderia ter paralelo na epígrafe CIL II 3098, hoje perdida, de Segóbriga, dedicada por *Primigenius Litio*. Trata-se, também, de um caso único;¹⁷ e, na epígrafe de

¹⁴ No *Etimological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*, de Michiel de Vaan (Bill, Leiden/Boston, 2008, s. v. ‘Lumbus’ (p. 352), faz-se, a dado passo, a aproximação da palavra com o termo do irlandês antigo *land*, significando ‘espaço aberto’. Do ponto de vista fonético, parece-nos a aproximação desprovida de fundamento.

¹⁵ Optámos por uma tradução erudita, à letra, por, na circunstância, nos parecer a mais adequada. Também poderia considerar-se o feminino *Lumba*; contudo, o termo documentado é *lumbus*, com um significado concreto; pode, na verdade, acontecer que, para o significado simbólico, se haja preferido o feminino.

¹⁶ Por isso mesmo e atendendo a que as consultas feitas a colegas (cujas contribuições e pronta disponibilidade muito agradecemos) igualmente resultaram inconclusivas, é que optámos por dar a conhecer, desde já, esta epígrafe, para que se discuta e esclareça. Encontrámos referência a *Lubia*, como deusa do prazer sexual (sem mais especificação), teónimo passível de se relacionar com *Lumbis*: vide VÁZQUEZ HOYS (Ana María), *Arcana Magica (Diccionario de símbolos y términos mágicos)*, UNED Ediciones, Madrid, 2003, p. 334.

¹⁷ Juan Carlos Olivares Pedreño refere as opiniões de que se trata de uma divindade indígena ou de que deve ler-se *Lymphis* e considera que as dúvidas são «suficientes para não incluir o nome como referente a uma divindade indígena» (*Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid, 2002, p. 130). Aliás, as informações colhidas por Helena Gimeno Pascual (*Historia de la Investigación Epigráfica en España en los ss. XVI y XVII*, Saragoça, 1997, p. 150, nº 210)

Longroiva, não há lugar para dois II. Foi mais longe Blanca Prósper: respondeu-nos que lhe soava «a un dativo de plural (femenino) de una variante del nombre de las ninfas, adaptado en latín desde el griego como *Lymphis*» ou «probablemente una divinidad *lombha».¹⁸ Embora, como atrás se anotou, nos pareça que a epígrafe poderá ter sido avivada, presumimos que se trata, em ambas as hipóteses, de uma alteração substancial — passível, porém, de análise.

Por conseguinte, mantemos, ainda que condicionalmente, esta hipótese de trabalho. Caso ganhe consistência, estaremos perante o testemunho ímpar de absorção da cultura romana, por parte dos indígenas, num âmbito erudito deveras significativo.

Pela forma como o dedicante se identifica e, também, pelo uso por extenso da fórmula votiva somos levados a datar a epígrafe de meados do século I da nossa era.

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

confirmam peremptoriamente essas dúvidas, inclusive por se tratar de uma inscrição rupestre em local cujos «letreros no se pueden leer por estar muy gastadas las letras del agua», conforme se lê no manuscrito que os assinala. Agradecemos a Helena Gimeno ter-nos facultado cópia dessa página.

¹⁸ A referência bibliográfica dada como justificativo foi o texto de Adam Hyllested, «The Water Spirit: Greek *nymphē*, Sanskrit *Rāmbhā*, Lithuanian *Lāumė* and Some Other Possible Related Forms» (acessível em <http://www.academia.edu/1429587>).



0 10 cm

489

FRAGMENTO CERÂMICO COM DUPLO GRAFITO

No âmbito dos trabalhos de acompanhamento arqueológico levados a efeito na Quinta de D. Pedro, na freguesia de São Manços, concelho de Évora, em Outubro de 2005, encontrou-se um minúsculo fragmento de cerâmica micácea, mal cozida, porventura de um *imbrex* já bastante rolado, que apresenta, em pequenos caracteres, inscrição em cada uma das faces, com a mesma orientação. A visibilidade dos caracteres evidenciou-se devido à acumulação de sujidade no interior dos sulcos, o que permitiu, como as fotografias documentam, a identificação de algumas letras que, pelo seu traçado (nomeadamente do E com as barras iguais), nos permite uma atribuição ao período romano, independentemente do contexto arqueológico do achado, que se data do século I. Designámos A a face que nos pareceu ser a externa, por estar alisada; e B a face interna, mais rugosa. Numeramos as linhas presentes, ainda que seja bem evidente que o texto – ou os textos – teriam, em cada face, continuidade em cima, à esquerda e à direita); a face inferior é, porém, a original, alisada e rectilínea.

Para análises mais aprofundadas, porventura sugeridas quer por esta nota quer, de modo especial, pelas fotos, propomos o depósito do fragmento no Museu da Luz (freguesia da Luz, concelho de Mourão).

Dimensões: (6) x (5,5) x 1,3.

Face A

[...] MIL [...] / [...] IMTOY [...] / [...] ICEXE [...] /
[...] NMO [...]

Face B

[...] CILIO [?] [...] / [...] AVITI [...]

Face A

Altura das letras: L. 2: I = 0,8; M = 2; T = 0,8; O = 6. L. 3: I = 0,6; C = 0,7; E = 0,8. L. 4: N = 0,7. Espaços: 1 = 0,6; 2 = 0,5; 3 = 0,6.

Face B

Altura das letras: 1. Espaços: 1: 0,5.

A gravação foi feita à mão levantada, usando finíssimo estilete, antes da cozedura. Escrita actuária, portanto.

Interpretámos como M um signo que mais parece ter sido um V onde se gravou um outro, mais pequeno, a unir os dois vértices; assim grafado, não se trata de uma letra habitual no alfabeto latino, onde, inclusive, a característica fundamental do M é ter, como se sabe, o vértice intermédio ao mesmo nível dos vértices inferiores. O T apresenta no vértice inferior minúsculo apêndice para a direita. Lemos Y a seguir ao pequeno O dessa linha 2 – eventualidade que poderá sugerir, se essa leitura se confirmasse, que estávamos diante de um ‘texto’ em caracteres maiúsculos gregos, hipótese que o inusitado grafismo da letra que vem depois do E da linha seguinte estaria a confirmar.¹ Lemos X, mui dubitativamente. A última linha não nos parece susceptível de oferecer dúvidas, embora do O haja apenas a metade.

Na face B, torna-se sedutora a probabilidade de aí estarem registados dois antropónimos: o primeiro da ‘família’ dos *Cilii*; o segundo, o genitivo de *Avitus*. Ver aí a identificação de um(a) indígena (indígena devido à frequência de ambos os nomes em tal contexto), não deixa, apesar de tudo, de ser arrojada.

Atendendo ao que fica escrito, não é possível garantir que os textos sejam um a continuação do outro ou se, ao invés, se trata de

¹ Mais aliciente ainda seria ver neste fragmento um possível *ostrakon*, com inscrição em grego, que foi, aliás, a primeira ideia que nos surgiu.

textos independentes. O mais normal será, no entanto, optar pela primeira hipótese, de interdependência.

Pelo contexto arqueológico em que foi encontrado, assim como pelo modo de gravação, o fragmento poderá atribuir-se, como se disse, ao século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
NUNO MIGUEL C. MOURINHA



ESTELA DE MAGANVS (BERZOCANA – CÁCERES)
(*Conventus Emeritensis*)

Clodoaldo Naranjo, en uno de sus trabajos sobre las tierras trujillanas¹, hace referencia a una lápida hallada en los alrededores de Berzocana que se encontraba desaparecida. Recientemente se ha conseguido recuperar, gracias a la buena labor de Juana Abril y Miguel Urbina². No parece que el clérigo y cantor de las grandezas de Trujillo llegara a ver la piedra, puesto que la versión que ofrece dista bastante de ser la correcta³.

Él mismo dice en su obra que se la habían transcrito, aunque no sabemos por qué da un texto incompleto de la inscripción. Quizás porque la piedra estaba parcialmente cubierta en alguna construcción o porque simplemente le interesaba resaltar la parte referida al difunto que le servía para argumentar el origen del nombre de Berzocana a partir de una supuesta familia Cana de origen romano. El caso es que con el paso del tiempo se ha venido arrastrando los errores de la interpretación del clérigo y es hora ya de dar a conocer la versión exacta⁴.

¹ *Trujillo y Su Tierra*, Cáceres 1923, 12.

² Agradecemos a “Nani” y a Miguel la acogida dispensada durante nuestra estancia en Berzocana y las facilidades con que hemos contado en todo momento para el estudio de la pieza.

³ El texto transcrito reza así: *MARCVS · CANVS · NIGRINI · F · AN · LX ·*

⁴ Nosotros mismo (*CILCC* II, 457) recogíamos la lectura de esta inscripción con los errores propios de la interpretación de Naranjo. Cf. también <http://eda-bea.es/>, n.º 24 343.

La piedra estaba con el texto oculto en la chimenea de la casa de la finca “Caballería”, propiedad de Rosa Hidalgo. Recientemente se ha derruido esta parte de la vivienda y ha podido recuperarse, no sin sufrir algún que otro desperfecto. Actualmente se encuentra en un almacén del Ayuntamiento de la localidad y está previsto su traslado para su exposición en el Centro de Interpretación de Las Villuercas.

La estela es de granito gris de grano fino y está rota en los extremos superior e inferior. Faltan la cabecera y el pie y presenta golpes recientes en el lateral. Buena parte del lateral izquierdo fue trabajado para formar una ménsula decorativa en la chimenea donde fue reutilizada. La rotura superior mutila la primera línea donde va la invocación de los dioses Manes y el labrado lateral afecta al comienzo de las cinco últimas, aunque el texto se lee sin dificultad.

Dimensiones: (117) x 48 x 19.

D(is) M(anibus) [S(acrum)] / MAGANVS / NIGRINI
· F(ilius) / AN(norum) · LX (sexaginta) · CAB/VREINA · /
NIGRINI / FRATRI / [S(it)] T(ibi) T(erra) L(evis) / F(aciendum)
C(uravit)

Consagrado a los dioses Manes. Magano, hijo de Nigrino, de 60 años. Que la tierra te sea leve. Cabureina, de Nigrino, al hermano procuró hacer.

Letras: 2-8: 7; 9: 11.

Las letras, muy regulares y con surco profundo, son capitales cuadradas con remate triangular. La interpunción en punto. El texto está grabado con gran esmero y el resultado es un conjunto de bella factura. El travesaño de las AA es una simple hendidura que en la mayor parte de los casos no llega a tocar las astas y las RR y las BB llevan el bucle abierto. Enlace MA en la línea 2 y AN en la 4.

En el comienzo del último versus hay espacio para una letra, por lo que la fórmula funeraria está incompleta.

Maganus es un *cognomen* indígena muy raro en la epigrafía cacereña; en masculino aparece por primera vez en la

zona, aunque tenemos un femenino *Macana* con sorda en una inscripción procedente de la cercana localidad de Logrosán⁵. Este antropónimo se extiende principalmente por las provincias de Salamanca y Zamora, especialmente la primera, donde sus testimonios son más abundantes⁶. Por su parte *Nigrinus* es un cognomen latino que suele aparecer frecuentemente en relación con nombres indígenas⁷ y aparece por primera vez en la zona de *Turgalium*. El esquema onomástico es típico de un ambiente peregrino, pues lleva nombre único con filiación referida al *cognomen* del padre.

Conmemora al difunto su hermana *Cabureina* que porta un *cognomen* procedente del sustrato local. Las formas derivadas de *Caburus*, -a, se extienden principalmente por territorio lusitano con extensiones hacia la zona astur⁸. Se conocen dos casos más de la forma *Cabureina* en sendas inscripciones procedentes de las localidades portuguesas de Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova, Castelo Branco)⁹ y Lamas de Moledo, Moledo (Castro Daire, Viseu)¹⁰. La forma *Caburena* se documenta en inscripciones de Coria (Cáceres)¹¹ y Bragança¹².

Por la paleografía y el formulario epigráfico se fecharía a finales del siglo I o en el II d. C.

JULIO ESTEBAN ORTEGA

⁵ J. Esteban, *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium*, Cáceres 2012, 605 = *CILCC* II.

⁶ J. M^a Vallejo, *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria 2005, 337-338.

⁷ M^a L. Albertos, «La onomástica personal indígena de la región septentrional», *Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Veleia* 2-3, 1985-1986, 177.

⁸ J. M^a Vallejo, 2005, 229-232.

⁹ Ana P. R. Ferreira, *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou Continuidade?*, *Trabalhos de Arqueologia* 34, Lisboa, 2004, 146-147, n^o 141 (*HEp* 13, 2003/2004, 880).

¹⁰ F. Curado, «Epigrafia das Beiras», *Conimbriga* 18, 1979, 143.

¹¹ M^a J. Saponi – C. Barrantes, «Aportaciones a la epigrafía hispano-latina de la provincia de Cáceres», *Alcántara* 20, 1990, 37-39.

¹² *CIL* II, 2500.



491